

mudar a



vida

publicação do graal

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



DIZER DEUS (2)

DA EXISTÊNCIA

Pode dizer-se Deus é ou Deus existe.

Pode dizer-se Deus não é ou Deus não existe.

Dizer que se pode dizer é reconhecer que a afirmação tem um sentido, um campo de significado próprio onde exerce a sua fecundidade e onde se apresenta como verdade.

Afirmar que Deus é ou existe não é repetir uma afirmação já feita: é fazer uma caminhada que envolve tudo e compromete o homem todo.

Esta caminhada não obedece a qualquer lei, porque parte da própria origem. (Mesmo se não dizemos que Deus é a origem, tudo o que se refere à origem refere-se a Ele).

A caminhada pode ser intelectual ou não intelectual, breve ou longa, fácil ou dolorosa.

Afirmar que Deus não é ou não existe também não é repetir uma afirmação já feita: é igualmente fazer uma caminhada que envolve tudo e compromete o homem todo.

Num caso como noutro trata-se de uma tomada de posição teológica, dado que o sujeito é Deus.

A simples afirmação de que «Deus existe» pode, de facto, ser uma negação de Deus, pois pode estar dependente de uma ilusão sobre Deus.

A afirmação de que «Deus não existe» pode, pelas mesmas razões, ser uma afirmação de Deus.

Por outras palavras: a afirmação da existência ou inexistência de Deus supõe um código de imagens, de ideias, de palavras. Dizer que Deus existe ou não, sem mais precisões, é, pois, um discurso vago.

Se, por exemplo, a ideia que temos de Deus é in-

coerente, porque nela incluímos atributos que consideramos incompatíveis, essa ideia pode acarretar consigo a afirmação da inexistência de Deus.

É o exemplo clássico do problema do mal. Dizemos que Deus é poder e bondade: ora se Deus é bom, como pode ser cruel?; se é poderoso, como pode revelar fraqueza?

Problema insolúvel e escândalo para o nosso pensamento, enquanto insistirmos em pensar o poder e a bondade a partir de nós mesmos.

Nenhum poder da natureza nem nenhum poder humano podem ser atribuídos a Deus.

Atribuir a Deus o nosso poder é fazer dele um déspota, sem lei nem virtude, em quem se concentra toda a iniquidade humana.

O poder de Deus implica, assim, para nós, o seu não poder.

Do mesmo modo, atribuir a Deus a bondade que satisfaz todas as necessidades ou pretende preencher todo o desejo é tornar Deus perverso.

Se assim fosse, Deus, sendo Deus, não poderia senão submergir-nos na satisfação total e imediata, fazer de nós fantasmas do real e, em última análise, suprimir-nos.

A bondade de Deus implica, assim, para nós a sua não bondade.

O poder de Deus está na sua bondade, na medida em que a bondade de Deus é aquilo a partir do qual tudo tem origem, em particular o homem.

Comentário: não podemos explicar o problema do mal, nem aos outros nem a nós mesmos; podemos apenas procurar ser ou tornarmo-nos tais que aquilo

que era morte ou caminho de morte se converta em passagem, caminho aberto para qualquer coisa.

Conhecer a bondade ou o poder de Deus é preferir, para nós e para os outros, o ser ao não ser, a vida à morte.

Toda a interrogação sobre a existência de Deus é relativa ao nome pelo qual, primeiramente, se designa Deus.

Ora há um nome que parece corresponder directamente à questão da existência: o Ser.

Se Deus é o Ser, a questão da sua existência é ontológica: Deus é.

Mas se Deus é a Ideia, ou o Princípio para além do Ser, ou o Transcendente, ou o Nada, ou o Outro que nenhuma ontologia pode conhecer, a questão da existência de Deus desdobra-se em muitas outras.

Comentário: a questão «Deus existe» pode entender-se como perguntar se há qualquer coisa ou alguém que mereça o nome de Deus e que tenha o atributo de Ser, como os ricos têm dinheiro. Nesse caso, responder sim ou não, Deus é ou não é, resulta num equívoco puro.

Toda a interrogação sobre a existência de Deus se relaciona, de algum modo, com o desejo.

A inexistência de Deus é recusa, consciente ou inconsciente, daquilo que Deus, segundo a linguagem, a imagem ou a ideia recebidas, significa para o desejo humano: um Deus tornado perverso, cuja imagem não podemos deixar de exterminar.

Pelo contrário, a existência de Deus é aquilo que o homem imagina para justificar os excessos que em si mesmo não domina.

Ultrapassar uma e outra ilusão é transformar o homem.

A existência ou inexistência de Deus não é, portanto, um problema teórico, mas uma questão onde se joga o que Deus é para o homem — questão que precede todas as outras questões.

Por isso é impróprio falar de provas por ou contra a existência de Deus.

Todo o pensamento sobre Deus implica — consciente ou inconscientemente — uma proposta positiva e uma proposta negativa quanto à existência de Deus.

Qualquer proposta que se pretenda puramente positiva faz de Deus uma imagem ou uma ideia relativas ao homem e sob o seu domínio, pois identifica Deus às representações que o homem dele faz.

Qualquer proposta que se pretenda puramente negativa — o ateísmo — é necessariamente determinada pela proposta positiva a que se reporta, logo, pela maneira como Deus é dito, imaginado, pensado, recebido.

Afirmação e negação são um sistema e constituem um conjunto teológico.

A oposição fundamental não é entre a crença em Deus e o ateísmo; é entre conjuntos teológicos.

Estes conjuntos não se opõem, de facto, como dois termos duma contradição; são antes estrangeiros uns aos outros.

Correspondem, de cada vez, a um modo particular de estar no mundo, onde o homem se reconhece como homem, num mundo habitável.

Passar de um conjunto teológico a outro é, portanto, mudar de universo e sofrer uma transformação radical.

O conjunto teológico onde cada um de nós se situa parece-nos, à partida, tão evidente como o ar que respiramos ou as coisas que dizemos.

DA PALAVRA

Há sempre uma palavra já dita sobre Deus.

Quer dizer: qualquer palavra, qualquer imagem, qualquer pensamento sobre Deus situa-se na continuidade do que foi dito, imaginado, pensado sobre Deus.

Ou ainda: quem quer que pense em Deus fá-lo no seio de uma história de Deus na humanidade. A essa história chamamos nós religião.

TENSÃO EXTREMA

Existe uma via de afirmação que diz Deus segundo a sua presença e, conseqüentemente, constitui todas as coisas na alegria de existir.

Existe uma via de negação que diz Deus segundo a sua ausência e, conseqüentemente, abre todos os sistemas fechados, inclusive o religioso.

A afirmação de Deus terá que negar-se a si mesma para não reduzir Deus àquilo que dele diz.

A negação de Deus terá que negar-se a si mesma para não reduzir Deus à insignificância.

Cada uma destas vias tem como referência

a outra, embora sejam entre si irreduzíveis.

A sua coincidência inatingível pode traduzir-se em incerteza: de Deus só se podem dizer coisas que se excluem e, fundamentalmente, que ele é e não é.

A incerteza pode significar conhecimento paradoxal de Deus.

Nesse conhecimento coincidem a alegria de existir e de gozar de todas as coisas com o desprendimento em relação a tudo.

Pela tensão extrema que implica, o conhecimento de Deus pode tornar-se trágico.

Ora há muitas religiões.

Se consideramos todas as religiões, existentes ou passadas, como palavras que falam de Deus, cada uma delas é um aspecto possível do poema de Deus no homem.

O poema é então **um**, através de mil formas.

A verdade de cada religião está na experiência originária que ela comporta e que é, em cada caso, instauração primordial de um caminho que permite ao homem viver e morrer.

Existe em cada religião uma tendência imanente para se tornar totalizante, quer dizer, para encerrar Deus naquilo que ela diz e faz dele: nos seus ritos, nas suas instituições, nos seus postulados.

Esta pretensão pode tomar formas diversas ou opos-

tas: imperialismo conquistador, acolhimento absorvente, indiferença ao outro, redução ao que já se conhece, etc.

É a pretensão totalizante de uma religião que indica paradoxalmente o seu limite: a sua incapacidade de entender o que sobre Deus se diz fora dela e de modo diferente daquele que é o seu.

Se cada religião é percebida como um possível do poema de Deus, o campo dos possíveis é imenso, segundo o que cada um veícula da história da humanidade.

Se, entre a imensidade das figuras e das vozes, eu escolho nomear Jesus Cristo, essa escolha não se pode reduzir a um imperativo qualquer.

SILÊNCIO

Silêncio: tal é o lugar.

Silêncio teológico; silêncio de toda a linguagem sobre Deus; grande silêncio do homem sobre o àquém e o além, sobre o conhecido e o desconhecido, pois nenhum saber conhece de antemão, nenhuma prática assegura a certeza.

Mas porque o homem vive, esse silêncio não é outro senão a palavra inaugural: aquela que, esgotados todos os recursos da linguagem, mergulha na paz mais profunda, comunica a vida, dá à luz.

DE JESUS CRISTO

Pode-se abordar Jesus Cristo pela via da história: Jesus existiu? Que valem as testemunhas sobre ele? O que é que a história de Jesus nos diz sobre a história do Cristo objecto de fé?

Ou pela via da metafísica: qual é a relação entre Cristo e Deus? E que Deus? Que pensar da afirmação cristã «Jesus Cristo é Deus» — revelação divina, velho esquema de todas as religiões, metáfora a reinterpretar?

Ou ainda pela via do significado: pelo que ele disse e pelo que ele foi e pela ressonância que tem ainda hoje o que ele é e o que ele diz. Que diz ele?

O campo das significações possíveis quanto a Cristo é imenso. Basta ver o que se disse dele: Jesus Deus. Jesus o Cristo, o Messias, o Salvador.

E ainda: um herói (entre outros), um sábio, um revolucionário, o melhor dos homens, o mais elevado, o homem exemplar.

Ou, noutra perspectiva: um fraco, um falhado, o homem do ressentimento, a grande testemunha do sadomasoquismo religioso, um sectário, o grande responsável (ou pretexto) da subversão que o cristianismo representa.

Se Jesus aparece como aquele em quem Deus se manifesta, em verdade, é ainda por uma escolha no seio das significações possíveis.

Tal escolha tem por objecto Deus e por isso implica, como todo o pensamento efectivo sobre Deus, toda a vida humana. Quer dizer: afirmar, com convicção, que

Deus existe para nós em Jesus Cristo, é escolher o caminho de Cristo, o que compromete toda a existência humana. A fé em Jesus Cristo não é uma crença; é uma mutação do homem.

Escolher Jesus Cristo é reconhecer que ele é o agir de Deus que põe fim à desgraça primeira do homem e inaugura uma nova humanidade; que ele é o amor de Deus para com o homem, manifestado no homem.

Para pôr fim ao mal do homem, Cristo passa por esse mesmo mal; é isso a sua paixão.

Nele se concentram toda a violência e toda a loucura (toda a patologia); todos os poderes da morte e da ilusão.

Passar por esta dupla via do mal e da morte é passar pelo fim do mundo a caminho da sua génese; o poema de Cristo é a nova criação, quer dizer, a verdade dos nascimentos.

A elevação ou ressurgimento ou ressurreição de Cristo é a entrada no novo mundo daquilo que está para além dele: a vida, o amor da vida e a vida como amor nascem para além do mal do homem, finalmente desvelado e atravessado.

O ressurgimento de Cristo é, pois, o ponto inatingível a partir do qual tudo se move, sem repouso possível, sempre em frente, sempre além.

Esta passagem de Cristo liberta o homem daquilo que o separa do Deus bom, quer dizer, daquilo que o separa da sua própria vida como alegria.

Não que isso se possa provar. A única prova é a parte de alegria que o homem conhece no caminho de Cristo.

DA VIA

O importante é a Via.

Via que é, antes do mais, desejo de vida: não apenas gosto ou vontade de sobreviver, mas despertar para além do sono da morte em que estamos mergulhados.

A Via é também desejo de verdade; não para argumentar o saber das coisas verdadeiras, mas para desfazer a ilusão e a mentira.

A Via abre-se a quem a deseja.

É ela a verdadeira iniciação e só ela responde à questão: «Como viver? Com que sentido?». Não responde através de uma ideia, mas através daquilo que ela é: caminho.

Tudo isto só é intelectual e abstracto para quem vive ausente destas realidades. A Via é o concreto mesmo: face do mundo, voz dos humanos, saúde do corpo, paz da alma, júbilo da verdade.

Quanto a saber o que ela é, há livros — livros que só ensinam alguma coisa aos que sabem escutar o que não está no texto; há mestres — mestres que só ensinam alguma coisa aos que os abandonam.

A Via é diversa e una. A própria diversidade é diversa. Alguns distinguem entre:

- o caminho do conhecimento, que pode culminar na sabedoria;

- o caminho da prática, que é trabalho, dedicação, serviço nas funções úteis ou necessárias;
- o caminho do corpo, que é, através do exercício ou ascese do corpo, libertação plena, presença ao todo;
- o caminho dos poemas e dos ritos, que se serve das tradições veneráveis para fazer da vida um culto em verdade.

Outros preferem distinguir entre a tradição dos sábios, a tradição dos sacerdotes, a ingovernável tradição dos profetas. Ou melhor:

- o espírito leigo e razoável, governo dos homens, condução dos negócios, inteligência das coisas;
- o espírito piedoso, a veneração perante aquilo que permanece, a lei mais que lei, lei divina, em função da qual tudo é julgado;
- o espírito de fogo, imprevisível, palavra torrencial e fulgurante, vida fora das normas, do equilíbrio, para significar aquilo que corta cerce, para introduzir o inusitado.

Estes alguns exemplos, tirados de coisas antigas.

E as nossas vias?

A Via não é outra senão a nossa própria marcha, caminho sem caminho que nos conduz à vida.

Fundação Cuidar o Futuro

DA VIDA JUSTA

*A vida justa é amar e nada mais.
A cada um segundo a sua graça:
A cada um segundo a sua necessidade
A cada um segundo o seu desejo
A cada um segundo o seu poder
E a cada um a sua verdade.*

Aquilo que dás, sem retribuição e mesmo sem saber, é isso o teu tesouro e a tua vida eterna.

Não julgueis para não serdes julgados.

Faz aos outros o que queres que eles te façam; sê para eles o que queres que eles sejam para ti; escuta como desejas ser escutado.

Purifica o teu próprio desejo, para não contagiarees os outros com o peso que a vida tem para ti.

O amor inventa livremente a sua arte de viver: arquitecto que só constroi pedras vivas-homens; músico das vozes concertantes; dramaturgo da tragédia feliz; pintor ou escultor que modela a própria vida.

A lógica do amor transgride o comércio e a guerra, esses velhos fundamentos do pensamento injusto, que só conhece o cálculo e o combate.

*Maurice Bellet
in «Theologie Express»
Desclée de Brouwer, 1980*

Propriedade e administração: GRAAL — Al. S.^{to} António dos Capuchos, 6, 2.^o-A — 1100 Lisboa. Comp. e Impressão: Silvas-Coop. de Trab. Gráficos, scarl.

Publicação bimensal. Assinatura anual: 120\$00; estrangeiro 250\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes.